

## COMPARAÇÃO DE IGUALDADE? NINGUÉM DIRIA!

LÍGIA NEGRI  
UFPR

**RESUMO:** O propósito deste artigo é discutir a estrutura da comparação que se apresenta no seguinte *slogan* de uma campanha publicitária: “*Venha nadar como ninguém*”. A questão que se pretende verificar é investigar qual é o tipo de comparação que se estabelece nesse caso ou, mais exatamente, o que é que está sendo comparado? Para tanto, observaram-se os tratamentos já dispensados a esse tipo de construção em português, bem como buscou-se caracterizar essa construção em particular. O exercício de análise procurou levar em conta tanto a estrutura sintática da comparação aí apresentada como também a natureza semântica da operação envolvida, o que nos conduziu à constatação de que a aparente construção equativa anunciada pelo conectivo ‘como’, de fato não se verifica nesse caso. A presença do indefinido ‘ninguém’ em um dos termos da comparação, desequilibra a aparente igualdade entre os termos comparados e enuncia uma comparação não-equativa. A explicação a que se chega é a de que sintaticamente a forma é enganosamente a de uma comparação de igualdade, no entanto, semanticamente a interpretação é a de desigualdade, sem a presença de um marcador correspondente *mais*, *menos*, ou o que seja.

**Palavra-chave:** estruturas comparativas; igualdade; superioridade.

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to discuss equative comparative structure in Brazilian Portuguese like the next one, shown in a publicity campaign: “*Venha nadar como ninguém*”. The point focused here is to verify whatever is being compared in this case, and what kind of comparison these sort of structures establish. To do so, we have viewed several treatments to these kind of portuguese constructions, after what we tried to characterized them. We search for a characterization even sintatic and semantic, wich leaded us to the supposition that the apparent equative construction exhibited by the conective ‘*como*’ is not really effective in this case under analisys. The presence of ‘*ninguém*’ in one of those terms of comparison unbalance the apparently equality between both terms involved in comparison and yield a non-equative comparison. A possible explanation is that what we have here is a misleading sintatic form as an equative comparison but, in fact, semanticaly we have a non-equative comparison without a specific marker like ‘*mais*’, ‘*menos*’ or something like these.

**Key-words:** comparative constructions; equality; superiority.

### 1. SITUANDO O PROBLEMA<sup>1</sup>

O propósito deste artigo é discutir uma construção sintática com a qual me deparei há algum tempo e que me chamou a atenção, mas que, certamente, não tem nada de rara. A frase, publicidade de uma academia de natação em Curitiba, estava num *outdoor* e dizia:

#### (1) VENHA NADAR COMO NINGUÉM

---

<sup>1</sup> O presente artigo foi apresentado no evento Debatendo semântica formal com Rodolfo Ilari, no período de 29 e 30 de abril de 2009, no Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/UNICAMP.

NEGRI — Comparação de igualdade? Ninguém diria!

O que me intrigou, na verdade, foi essa estrutura da comparação, ou mais exatamente, o que é que está sendo comparado?

Como se deve tratar essa construção sintático-lógica?

De qualquer maneira, essa não é uma construção inusitada, ela aparece seguidamente no discurso corrente, não só em português como também em outras línguas, como se pode verificar na tirinha abaixo:



A questão que se coloca, então, é a da razão do estranhamento, isto é, ele seria fruto da estrutura formal em si mesma ou das relações referenciais que a construção aciona?

Na ocasião, consultei Ilari sobre a pertinência de uma discussão dessa natureza e sua resposta foi a de que “em muitas línguas românicas os equivalentes a ‘*mais do que*’ exigem ou já exigiram um **não** na subordinada comparativa - coisas como *Há speso piú di quanto non potesse*. Pensei também que quando dizemos que alguém batalhou mais do que ninguém por uma certa causa também aparece uma negação que, em princípio, soa sobressalente.” (Ilari, cp, março/2008)

Dada essa relação, que se poderia dizer diacrônica, dos comparativos de superioridade com elementos negativos, volto para a construção em jogo.

Para verificar as possibilidades de análise, passo a focalizar duas vertentes explicativas possíveis - a sintática e a semântica.

Da perspectiva de uma abordagem sintática não parece haver anomalia quanto à construção em tela. Aparentemente, essa é uma construção comparativa típica em que parte da segunda oração está omitida, mas que uma análise mais cuidadosa, sintática ou numa perspectiva da linguística textual, daria conta de recompor essa elipse do predicado:

(1a) Venha nadar como ninguém **nada**.

[Ø]

Mas será que a questão é mesmo assim tão simples? O que, de fato, se compara na expressão acima? Seria essa estrutura, uma construção comparativa de igualdade, típica? Esse parece ser, justamente, o ponto em questão.

## 2. AS ABORDAGENS SOBRE A COMPARAÇÃO EM PORTUGUÊS.

Moura Neves, Dall’Aglío Hattner & Mesquita (2002), em artigo do volume VIII da Gramática do Português Falado, em que discutem as construções comparativas no corpus do NURC, preocupam-se especialmente com a caracterização das estruturas de comparação e de sua delimitação.

As autoras apontam dificuldades de delimitação das comparativas tanto no sentido de distingui-las de outras construções similares como no de apresentar uma caracterização abrangente que abrigue a todas, inclusive às menos prototípicas, por exemplo:

(3) Se não quiser ir à escola então vai trabalhar ... mas trabalhar o dia inteiro ... que é *como* o pai. (Moura Neves, Dall’Aglío Hattner e Mesquita 2002, p.124)

Nesse artigo, as autoras verificam as formas de enquadramento das comparativas, segundo suas características sintático-semânticas, aqui retomadas:

- a) sintaticamente exibem a interdependência entre dois elementos; e,
- b) semanticamente estabelecem um cotejo entre eles.

Outro ponto que se pode observar também na literatura a respeito é a discussão sobre se as comparativas seriam mais bem caracterizadas como coordenadas ou subordinadas. No que diz respeito ao acréscimo da informação, elas se assemelham a aditivas, mas as autoras advertem:

Sintaticamente, entretanto, as aditivas são coordenadas, enquanto as comparativas são interordenadas ou interdependentes, semelhantemente às demais construções adverbiais(...). Isso significa que, nas construções comparativas, há dois turnos que se fecham numa combinação binária, diferentemente do que ocorre com as coordenadas aditivas, nas quais, prototipicamente, combinam-se turnos indefinidamente. (op.cit. P.127)

Esclarecem, ainda: “*Outro tipo de construções coordenadas aparentadas com as comparativas, mas, no caso, com as comparativas de desigualdade, são as adversativas.* (op.cit. p. 128)

Ex.: Maria, *mais que* inteligente, é esperta.

O valor aí, segundo elas, é equivalente ao das adversativas, isto é, de contraposição a uma informação anterior.

Podemos dizer que esse tipo de construção remete a uma negação implícita ou a uma retificação de informação prévia: *Maria não é inteligente, mas esperta*, ou *Mais do que inteligente, Maria é esperta*. Nesses casos, *talvez* se possa falar de uma implicatura ou de um cancelamento de uma suposição anterior, seja em relação à crença do emissor, seja em relação à do seu interlocutor.

Retornando à análise das comparativas delineada pelas autoras, podemos dizer que ela gira em torno de três eixos, determinados pelas estruturas envolvidas e pelas relações estabelecidas:

**1. correlação versus não-correlação:**

As correlativas apresentam um elemento na oração nuclear que se coloca em correlação com a conjunção da oração comparativa. Ex.<sup>2</sup>:

**Ex.6.** A verdade é que *tanto* no sexo feminino *quanto* no masculino há sempre uma produção significativa embora pequena de hormônio do sexo. (op.cit., p.127)

**2. quantificação versus não-quantificação** (elemento comum/termo da comparação);

**3. igualdade versus desigualdade** (tipo de relação de comparação):

**3.1.** igualdade:

a) quantidade: **Ex.22.** Hoje em dia não aparece *tanto* filme *quanto* antigamente. (id.,p.142)

b) intensidade: Ela não gosta de filme *tanto quanto eu*. (ibid., p.142)

**3.2.** desigualdade (sempre quantitativa):

a) superioridade: **Ex.30.** A aula prática é muito *mais* interessante *do que* a aula teórica. (ib.,p.142)

b) inferioridade: **Ex.53.** Na cidade pequena você tem *menos* solidão.(ib.,p. 143)

A essas possibilidades, relacionadas ao tipo de estrutura, as autoras apontam ainda variações relativas às entidades contrastadas, isto é, variação segundo os constituintes cotejados (id., p.137):

a) entre indivíduos, em relação a uma propriedade:

*Uma vez, Pernambuco deixará de ser civilizado e progressista tal qual a Europa, mas salvará um homem.* (ib., p.147);

b) entre propriedades, em relação a um ou mais indivíduo:

**Ex.75.** *elas apenas assistem aulas... tanto teórica como prática.* (id., p.148);

c) entre indivíduos, em relação a um estado de coisas:

Nosso batalhão, *como* o exército Malgache, tinha quase *tantos* comandantes *quanto* comandados. (ib., p.149);

---

<sup>2</sup> Manterei o número dos exemplos do texto original. Faço referência à página em que eles se encontram no texto em questão, pois nem sempre estão numerados no original.

d) entre circunstantes, em relação a um estado de coisas:

*Ex.60.* eu como muito é ... verduras...e carne sabe? *tanto* pela manhã *quanto* pela noite. (ib., p.151)

e) entre predicados, em relação a um indivíduo:

E elas a atraem tanto quanto a horrorizam. (ib., p.152);

f) entre predicções:

Naquela época não bradámos tanto quanto eles bradam. (ib., p.153)

Moura Neves, Dall’Aglío Hattner & Mesquita analisam as comparativas, portanto, segundo sua natureza sintática - através da relação de interdependência; e, semântica - pelo cotejo entre os elementos postos em comparação. Ressaltam que, nas comparativas, há ênfase na noção de contraste entre o elemento comum aos membros comparados, traço que favorece uma das características mais marcantes dessa construção: a elipse no segundo membro da construção.

Ainda, apontam para outra possibilidade de caracterizar tal construção recorrendo-se à noção de **foco**: *fazer uma comparação é colocar em foco dois elementos em contraste*. Constitui-se um “domínio de foco”, por: a) um marcador de foco, b) o foco, e c) o resíduo. Nessa concepção, entram em jogo marcadores de foco: *tanto...quanto, mais ... do que* (e similares); e o que sobra é resíduo, este, passível de elipse.

A tabulação final dos dados por elas observados demonstra, no corpus do NURC analisado, que a maior ocorrência é de estruturas comparativas de **desigualdade** (80%) e, nesse contingente, a maioria de superioridade (76%).

Não me interessa, aqui, discutir cada uma dessas possibilidades, uma vez que o propósito é focalizar uma construção em particular, a de aparente equivalência, e não analisar a estrutura comparativa, em geral. De qualquer forma, essa caracterização ajuda a elucidar a natureza da construção que temos em tela.

Também Mendes de Souza<sup>3</sup>, em sua dissertação, trata da estrutura comparativa em português e, em artigo posterior com Pires de Oliveira e Basso discutem especialmente a indeterminação semântica de algumas dessas sentenças. Diferentemente das autoras anteriormente apresentadas, Mendes de Souza e Pires de Oliveira *et al.* voltam-se mais para a natureza e descrição semânticas dessa construção do que para a sua dimensão sintática.

A abordagem de Mendes de Souza buscou, inicialmente, caracterizar a diferença entre comparativas com predicados adjetivais e aquelas com predicados verbais chegando à constatação de que aparentemente não há diferenças semânticas entre esses dois tipos de construção.

No artigo posterior, Pires de Oliveira *et al.* exploram a versatilidade semântica de uma sentença como (2) abaixo e suas respectivas interpretações, a que os autores atribuem o

<sup>3</sup> Na verdade, não tive acesso à dissertação propriamente dita, mas às considerações do autor nos artigos citados na bibliografia e à versão preliminar de seu projeto de doutorado.

fenômeno da “indeterminação”, cuja interpretação específica (e forma lógica correspondente) é decidível apenas a partir do contexto:

(2) João fumou mais do que Pedro.

[2a]<sup>4</sup> João fumou mais vezes do que Pedro fumou.

[2b] João fumou mais cigarros do que Pedro fumou (cigarros).

[2c] João fumou mais tempo do que Pedro fumou.

[2d] João fumou mais tipos de cigarro do que Pedro fumou.

A partir dessas observações, Mendes de Souza propõe, inicialmente, um tratamento baseado na hipótese de Kennedy (1997a/apud Mendes de Souza), de adjetivos como funções de medida que têm como domínio um conjunto de indivíduos e como contradomínio uma escala. O autor pretende estender essa noção dos adjetivos, tal como proposta por Kennedy, para os verbos: “Defenderemos que todos os predicados escalares são funções desse tipo.” (Mendes de Souza, projeto de doutorado, 2007).

A proposta é inovadora e se propõe abrangente para um tipo de predicação que não se restrinja à gradação dos adjetivos, mas que se estenda a verbos e nomes.

### 3. ENSAIANDO UMA EXPLICAÇÃO. NADANDO CONTRA A CORRENTE?

Considerando-se o quadro apresentado inicialmente pelas primeiras autoras e a construção em foco - *Venha nadar como ninguém* - a questão que se apresenta é: que tipo de comparação a construção estabelece, segundo uma das possibilidades por elas apresentadas?

Seria a alternativa **a**: comparação entre indivíduos em relação a uma propriedade – entendendo-se aí propriedade num sentido amplo de predicação; ou **c**: entre indivíduos, em relação a um estado de coisas?

Mesmo que seja um desses casos e tenhamos aí a comparação entre a predicação feita a dois diferentes indivíduos/sintagmas - ‘você’ e ‘ninguém’, o que daria a extensão - *venha nadar como ninguém nada*, temos um problema de natureza semântica, a saber: como se compara a predicação de um indivíduo *x* com a predicação de um conjunto vazio ‘ninguém nada’?

Da perspectiva da lógica, não há problema em se atribuir a predicação a um conjunto vazio, o que resulta justamente nisso: a ausência de indivíduos contemplados por aquela predicação. Mas a questão não é essa. O estranhamento da significação, pelo menos o que parece intrigante, é o fato de se comparar a predicação atribuída a um indivíduo e aquela atribuída a ‘nada’, ao vazio, a nenhum outro. Que mecanismo de significação está embutido nesse caso?

Numa análise semântica, ‘ninguém’ pode ser considerado, numa perspectiva mais corriqueira da tradição gramatical, um quantificador universal negativo ou, então, numa perspectiva mais recente, um indefinido negativo funcionando como um operador que

---

<sup>4</sup> Optei por representar entre colchetes a numeração para as interpretações das sentenças.

nega a predicação a toda a extensão sob seu domínio. O que, nesse caso, equivale a dizer que não há referente ao qual se aplica a predicação apresentada, o conjunto vazio, portanto.

Uma saída para esse impasse talvez fosse supor que, em casos como esse, teríamos uma predicação modalizada implicitamente:

[1b] Venha nadar de um jeito como ninguém nada (desse jeito).

em que o foco da comparação é o modo, o jeito ou a forma de nadar.

Ao que tudo indica, essa parece ser a significação aí.

Tal percepção pode ser a correta, mas não facilita a análise, porque a questão permanece: como se chega a essa paráfrase a partir da sentença original?

A modalização do núcleo do predicado não altera a questão de se colocar em confronto, a partir de um predicado, dois termos, um dos quais negativo.

Na verdade, levando-se em conta essas observações, somos levados a crer que a estrutura em questão **não é uma comparativa de igualdade**, como aparentemente faz supor o conectivo ‘como’, que ocorre em construções como as abaixo:

(3) Pedro nada como um peixe.

(4) Pedro se comporta como criança.

as quais sugerem comparação de igualdade, em que se predica um grau **equivalente** da atividade de nadar entre ‘Pedro’ e ‘um peixe’ ou, dito de outra maneira, estabelece-se através da comparação uma equivalência entre o modo de nadar de um peixe (termo comparante) e o modo de nadar de Pedro (termo comparado).

O mesmo vale para o exemplo (4), seguinte, em relação ao comportamento de ‘criança’ (termo comparante) e de ‘Pedro’ (termo comparado).

Ora, no caso da construção que estamos focalizando, se o segundo termo da comparação (aqui o que serve de base para a comparação: o termo comparante, que apresenta a costureira elipse, cf. já atestado por Moura Neves *et al.*) for ‘ninguém nada’, a proposição que o contém apresenta uma predicação para um conjunto vazio e isso gera o estranhamento de uma relação de comparação que estabelece equivalência entre o modo de nadar de ‘ninguém e de ‘você’.

Como essa é uma construção bem resolvida na língua, certamente não pode ser essa a fatoração de seu processamento semântico, de sua significação. E ela, acredito, não é **mesmo** uma comparação de igualdade, ela é, de fato, uma comparação de superioridade, significado gerado por inferência (pragmática, contextual, talvez?! e, por essa razão, pode ser também de inferioridade, conforme se pode verificar na tirinha do início deste artigo, que pode ter dupla interpretação (no caso desta, a negativa é mais proeminente). No nosso caso sob análise em particular, por ser uma publicidade, sabemos pragmaticamente que a leitura deve ser positiva e, portanto, de superioridade:

[1c] Não há ninguém que nada<sup>5</sup> como você.

ou

[1d] Venha nadar num nível que ninguém atingiu/chegou.

Ambas as paráfrases podem supor uma interpretação escalar, na perspectiva abordada por Cresswell (1976), Kennedy (1979a), e invocada por Mendes de Souza (2007) tanto em sua dissertação, quanto na ampliação desse projeto para o doutorado. Este último autor recorre à abordagem escalar para tais casos e propõe uma extensão dessa concepção para predicados que envolvam verbos e nominais, além daqueles adjetivais. Lembra, referendado pela literatura acionada, que tal concepção supõe predicados que envolvem graus de quantidade ou de intensificação.

Mendes de Souza sofisticava o tratamento e propõe para tais predicados uma função que liga indivíduos a intervalos em uma escala definida para tais predicados. Talvez aí se abra uma possibilidade para o nosso problema.

Não parece ser o caso de a sentença (1) apresentar a indeterminação apontada por Pires de Oliveira *et al.* (2007) para sentenças como (2) acima, e isso não se deve, aparentemente, à natureza semântica do verbo *nadar*, pois poderíamos ter (5), que pode apresentar interpretações similares a (2), segundo parâmetros compatíveis ao significado desse verbo:

(5) João nada mais do que Pedro.

[5a] João nada mais vezes do que Pedro nada.

(parâmetro: vezes/habitualidade)

[5b] João nada mais tempo do que Pedro nada.

(parâmetro: tempo/duração)

[5c] João nada mais metros do que Pedro nada.

(parâmetro: distância/percurso)

A sentença (5) pode ainda comportar uma interpretação qualitativa, que pode ser ambígua entre uma interpretação qualitativa pura e simples [5d] e uma interpretação metalinguística [5e], (possibilidade também mencionada em Pires de Oliveira *et al.*), a saber:

[5d] João é melhor nadador que Pedro.

---

<sup>5</sup> Quero manter a paráfrase com o verbo no indicativo, pois a construção com subjuntivo apresenta outras interpretações possíveis, que não me interessa discutir neste momento.

[5e] João é mais nadador que Pedro.

(5) pode estar sendo proferida com a interpretação [5e], inclusive para dizer que *Pedro não nada nada!*

Parece, portanto, que a indeterminação está associada a construções comparativas quantificadas, mais exatamente, às de comparação de desigualdade - de superioridade ou de inferioridade. Ela seria resultado composicional do sentido do intensificador acrescido dos sentidos do termo sob seu escopo (ou sob sua restrição, na perspectiva tripartite de Partee: quantificador, restrição e escopo nuclear). Essa, contudo, é uma afirmação que carece de verificação.

Por outro lado, parece que a especificidade da sentença (1) reside no tipo de comparação que instaura.

Os autores aqui evocados não tratam de comparação de **igualdade**. O artigo de M. Neves, Dall'Aglio Hattnher e Mesquita, como vimos, por se propor a uma análise de *corpus*, faz uma análise das ocorrências encontradas e, como fica claro ao final da análise, tais ocorrências são predominantemente de comparativos de superioridade.

Mendes de Souza se propõe a esmiuçar as construções quantificadas, especialmente as que envolvem intensificadores, o que o leva também a construções graduais, assimétricas (não-equativas).

A construção que focalizo aqui tem a aparência superficial de uma estrutura de comparação de igualdade, mas é subvertida por um mecanismo, em particular pela presença do universal negativo '*ninguém*', que não estabelece, ou melhor, estabelece a não-extensão do predicado (conjunto vazio) em um dos termos da comparação.

Sintaticamente, a forma é (enganosamente) a de uma comparação de igualdade, no entanto, semanticamente a interpretação é a de desigualdade, sem a presença de um marcador correspondente *mais*, *menos*, ou o que seja.

Esse tipo de construção – comparativas equativas em que um dos termos da comparação é termo negativo<sup>6</sup> - pode determinar numa perspectiva escalar da comparação (definida em termos graduais conforme sugere Mendes de Souza) que um dos membros da comparação se situa em um dos pólos da escala: superior ou inferior, e essa determinação será pragmaticamente dada, definida pelas circunstâncias da elocução, pelas condições de uso.

Ao que parece o significado de uma construção comparativa com '*como*' também é dado composicionalmente, ou seja, tal construção não é intrinsecamente uma comparativa de igualdade apenas porque não apresenta um dos intensificadores (para mais ou para menos), seu significado será dado pela combinação dos termos postos em confronto pelo operador '*como*':

– se forem termos 'equivalentes' sintaticamente: dois nomes, dois SVs, duas orações, a interpretação será de igualdade: 'Pedro' e 'peixe' (cf. ex.(3)); Pedro nada como corre, etc.;

<sup>6</sup> Aqui é preciso cautela. Não sei se essa afirmação pode ser tão geral assim: por ora vale para os casos em que o termo negativo é *ninguém*. Não verifiquei se outros indefinidos negativos, como *nada* e *nunca*, se prestam a estruturas comparativas e qual o seu efeito sobre elas.

NEGRI — Comparação de igualdade? Ninguém diria!

---

– se forem termos de valores semanticamente desiguais, especialmente se intervém um termo negativo frente a um definido ou positivo, a interpretação será de desigualdade e o ponto da escala, para cima ou para baixo, será determinado por condições pragmáticas.

Ainda uma observação a respeito desse tipo de construção. Talvez seja possível associar seu comportamento às construções de imperfeita simetria, alvo de profícuo debate entre Ilari e Rajagopalan<sup>7</sup>, na medida em que no nosso caso a significação não-equativa e, portanto, assimétrica, parece ser carregada pela interveniência de um constituinte negativo em um dos termos, mas não apresenta interpretação equivalente independentemente da posição sintática que venha a ocupar.

Compare-se:

(6) Você nada como ninguém.

interpretação usual:

[6a] Você é melhor nadador que todo mundo. (universo relevante)

(7) Ninguém nada como você.

[7a] Você nada melhor que todo mundo.

Ou

[7b] Você é o pior nadador do mundo.

Ou, ainda,

[7c] Você nada de um jeito peculiar só seu. (que geralmente é depreciativo nesses usos.)

Se minha percepção está correta, nesses casos, parece que a interpretação positiva ‘*nada melhor*’ é pragmaticamente proeminente e preferencialmente atribuída ao termo “definido”: *você* – tanto em (6) como em (7). Mas, [7b] e [7c] também são interpretações depreensíveis, portanto é preciso verificar o que ocorre nesses casos. Parece que a ocorrência de ‘*ninguém*’ favorece a interpretação positiva para o termo relacionado a ele na comparação.

Mas essa investigação ainda não empreendi.

---

<sup>7</sup> Para aprofundamento dessa questão, reporte-se ao debate no Cadernos de Estudos Lingüísticos, no.13, UNICAMP, 1987.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ILARI, R. (1983/1987). Dos problemas de imperfeita simetria. *Ensaio Lingüísticos*, 9. 1983: 94-120. Republicado em *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 13. Unicamp. 1987: 49-65.
- \_\_\_\_\_. (1987a). O que fazer quando '2+3' não é igual a '3+2': a semântica e a pragmática das construções simétricas em língua natural. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 13. Unicamp: 97-105
- KENNEDY, C. (2007a). Vagueness and grammar: the semantics of relative and absolute gradable adjectives. *Linguistics and Philosophy*, n.1, vol.30. p.1-45.
- MENDES de SOUZA, L. (2007). Projeto de doutorado.
- MOURA NEVES, DALL'AGLIO HATTNER e MESQUITA. (2002). Construções comparativas, in M.B.M. ABAURRE e A.C.S. RODRIGUES (orgs.), *Gramática do Português Falado*, vol. VIII, Campinas, SP: Edit. da UNICAMP.
- PIRES de OLIVEIRA, R., BASSO, R. M. e MENDES de SOUZA, L. (2007). O João fuma mais que o Pedro: um exercício de análise semântica. *Revista do GEL*, 4, p. 105-128.
- RAJAGOPALAN, K. (1987). Quando "2+3" não é igual a "3+2": a semântica e a pragmática das construções simétricas em língua natural'. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 13. Unicamp: 67-96